

DESVENDANDO O TERRITÓRIO A PARTIR DO PERCURSO ESCOLA-CASA: RELATOS DE PESQUISA-AÇÃO NO CMEI PROFESSOR EDVALDO ALBUQUERQUE DOS SANTOS, EM MACEIÓ - AL

UNVEILING THE TERRITORY THROUGH THE SCHOOL-TO-HOME ROUTE: ACTION RESEARCH REPORTS AT CMEI PROFESSOR EDVALDO ALBUQUERQUE DOS SANTOS, IN MACEIÓ – AL

OLIVEIRA, CATHIANE¹; TEIXEIRA, FERNANDA²; DELFINO, MARIANA³

¹Arquiteta e urbanista, Universidade Federal de Alagoas, cathiane.silva@fau.ufal.br;

²Mestre em arquitetura e urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, fernandamartins.ufal@hotmail.com;

³Doutoranda em arquitetura e urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, marianasandel@gmail.com.

RESUMO

A proposta deste artigo é relatar os resultados da pesquisa sobre o percurso escola-casa de cuidadores de crianças do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Professor Edvaldo Albuquerque dos Santos, localizado no Conjunto Denisson Menezes, parte alta da cidade de Maceió (AL). Entende-se que o espaço urbano é um agente ativo na construção de relações sociais, e busca-se compreender, de forma contínua e sensível, em seus diferentes momentos cotidianos, como a comunidade percebe o território em que habita, considerando sempre suas potencialidades e fragilidades. Ações como caminhadas afetivas, diálogos plurais e estratégias participativas vêm sendo utilizadas para revelar obstáculos e potências existentes ao longo do trajeto cotidiano entre casa e escola. Acredita-se que, ao tornar visíveis essas vivências e percepções, seja possível contribuir para ações mais assertivas e integradas, fortalecendo os vínculos entre escola, território e comunidade. O artigo está estruturado em quatro partes: introdução; relatos dos processos metodológicos e respostas da comunidade; mapa coletivo com a espacialização das subjetividades da comunidade; considerações finais. Os resultados parciais apresentados baseiam-se em relatos de campo e no mapeamento participativo, que trazem voz para a comunidade e, assim, ilustram os anseios e receios daqueles que têm suas vidas atravessadas pela dinâmica existente no local.

Palavras-chave: Espaço urbano; mapeamento participativo; envolvimento comunitário; caminhadas afetivas.

ABSTRACT

The purpose of this article is to report research results on the school-home route of caregivers of children from the Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI) Professor Edvaldo Albuquerque dos Santos, located in the Denisson Menezes Complex, upper area of Maceió (AL). It is understood that the urban space is an active agent in the construction of social relations, and the aim is to understand how the community perceives the territory it inhabits, considering its potentialities and fragilities. Affective walks, dialogues and participatory strategies have been used to reveal obstacles and strengths existing along the daily path between home and school. It is believed that, by making these experiences and perceptions visible, it becomes possible to contribute to more assertive and integrated actions, strengthening the ties between school, territory and community. The article is structured in four parts: introduction; reports of methodological processes and responses from the community; collective map with the spatialization of the community's subjectivities; final considerations. The partial results presented are based on field reports and participatory mapping, which give voice to the community and thus illustrate the expectations and concerns of those whose lives are crossed by the dynamic existing in the place.

Key-words: Urban space; participatory mapping; community engagement; affective walks.

INTRODUÇÃO

¹Este artigo foi desenvolvido a partir das atividades realizadas para uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

O presente trabalho propõe¹ investigar experiências e vivências no percurso escola-casa dos cuidadores das crianças do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Professor Edvaldo Albuquerque dos Santos, no Conjunto Denisson Menezes, localizado na parte alta de Maceió, Alagoas, por meio de pesquisa-ação. O CMEI, enquanto equipamento público, transcende seu papel educacional e torna-se um catalisador de conexões comunitárias, desde que suas dinâmicas sejam articuladas às demandas e memórias do território. A escuta dos cuidadores é estratégica para desvendar camadas invisíveis do cotidiano, como medos, afetos e necessidades. Além disso, a metodologia proposta alinha-se à urgência de repensar a pesquisa na e sobre a cidade a partir de práticas contracoloniais (Santos, 2015). O projeto visa contribuir academicamente, articulando teoria e prática e, socialmente, fortalecendo a agência local.

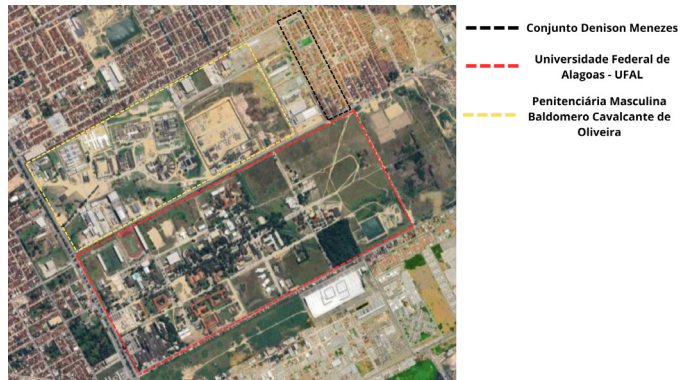
Partindo da ideia de que o espaço urbano atua na construção das relações sociais, buscou-se entender como a comunidade percebe os espaços onde vive com suas crianças e de que forma gostaria de transformá-los, tendo o projeto urbano como instrumento de (des)envolvimento local. A proposta integra as perspectivas de Antonio Bispo dos Santos (2015), que ressalta a importância da autonomia e da memória coletiva dos territórios periféricos, e de Rosa María Torres (2004), que defende a criação de comunidades de aprendizagem vinculadas ao desenvolvimento local.

O Conjunto localiza-se no bairro Cidade Universitária, a cerca de 20 km do centro da cidade. É cercado a oeste pela Penitenciária Masculina Baldomero Cavalcante de Oliveira, - que, apesar do estigma de violência trazido por esta, foi irrelevante nos relatos obtidos - e a sul pela Universidade Federal de Alagoas - que também pouco foi mencionada além de estar a quase 2 km da Avenida Lourival Melo Mota, tornando-o isolado do restante da cidade (Figura 01). Limita-se com os conjuntos Gama Lins, Lucila Toledo e Santa Helena, locais de moradia de muitos dos alunos do CMEI.

O Denisson é um conjunto habitacional predominantemente residencial que se iniciou com a construção de casas pelo Programa Habitar Brasil entre os anos 1990 e 2000. Surge a partir da ocupação por barracos de lona e foi implantado de forma precária, com poucos equipamentos públicos, carência que perdura até hoje e dificulta as condições de vida

da população. Sua população é de aproximadamente 2.500 habitantes, com renda média familiar inferior a um salário mínimo, o que o caracteriza como um território periférico de extrema pobreza (SILVA, 2023).

Figura 01 - Localização do Conjunto Denisson Menezes e seu entorno.
 Fonte: Google Maps com intervenções das autoras (2025).



A escolha do local para a pesquisa se dá pela proximidade com a UFAL e pelo entendimento de que esta, através da aplicação prática do conhecimento disseminado, deve ser agente de transformação de seu entorno. Além disso, o CMEI representa um ponto de grande fluxo de moradores e, junto ao Conselho de Pais de Alunos, oferece grande potencial na criação de vínculos com eles.

Figura 02 - Configuração espacial do Conjunto Denisson Menezes.
 Fonte: NEST – Núcleo de Estudos do estatuto da Cidade, com intervenções das autoras (2025).



O objetivo geral da pesquisa é mapear as vivências diárias dos cuidadores dos alunos do CMEI no trajeto escola-casa, a fim de fomentar o envolvimento local e a construção de uma comunidade de aprendizagem. Para tanto, propõe-se como objetivos específicos: identificar pontos de tensão, como inseguranças e carências, bem como potencialidades, como memórias e espaços de sociabilidade, existentes no entorno da instituição; conhecer as ferramentas da pesquisa-ação na prática e refletir sobre as respostas obtidas da comunidade e; mapear as relações

afetivas, simbólicas e práticas que os cuidadores estabelecem com o território no trajeto.

Metodologia

²É importante esclarecer que nenhuma das pesquisadoras havia tido contato com tal metodologia, sendo sua aplicação um grande desafio, uma vez que só foi possível obter aprendizagem na prática, conforme o desenrolar do trabalho em campo.

A metodologia empregada é a pesquisa-ação², definida por Thiollent (2011) como uma abordagem participativa em que pesquisadores e participantes colaboram na identificação de problemas e construção de soluções práticas. Nessa perspectiva, as cuidadoras do CMEI assumem o papel de copesquisadoras, integrando todas as etapas da pesquisa, desde o diagnóstico até o objetivo final. A pesquisa-ação opera por meio de ciclos de ação-reflexão, combinando rigor teórico e engajamento comunitário, o que a torna adequada para projetos que buscam transformação social.

A partir da pesquisa-ação, faz-se a abordagem qualitativa dos dados, estruturando o trabalho em dois pilares metodológicos: escuta ativa e mapeamento participativo. Sobre a escuta ativa, Osório (2001) afirma que envolve atenção plena ao outro, suspensão de julgamentos e abertura para compreender a experiência do interlocutor de forma acolhedora, criando um espaço de confiança e empatia, gerando uma escuta com presença e compromisso. Nesse sentido, não se limita à recepção passiva da fala, mas envolve uma postura ética e reflexiva diante do discurso do outro, permitindo a emergência de saberes marginalizados e contribuindo para a análise crítica das relações de poder na sociedade.

Quanto ao mapeamento participativo, Araújo, Anjos e Rocha-Filho (2017, p. 129) destacam que é uma “abordagem interativa baseada nos conhecimentos das populações locais, permitindo aos participantes criar mapas representando os elementos mais significativos para estes”. O mapeamento, alinhado à perspectiva da cartografia social, se coloca como técnica que permite traduzir vivências subjetivas em representações espaciais coletivas.

Os relatos de campo das observações e experiências realizadas durante a permanência no ambiente investigado conformam este artigo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), os relatos são uma das principais fontes de dados na pesquisa qualitativa e devem incluir não apenas informações de comportamentos, falas e situações dos pesquisados, mas também as percepções, impressões e reflexões do próprio pesquisador. Para os autores, tais anotações constituem um processo interpretativo e sensí-

vel, onde o olhar do pesquisador é instrumento essencial de construção do conhecimento.

O artigo está estruturado em quatro partes, sendo a primeira esta introdução com a contextualização da pesquisa e informações essenciais ao entendimento do leitor; a segunda são os relatos dos processos metodológicos empregados e as respostas obtidas na pesquisa-ação; a terceira é o mapeamento participativo com a espacialização das vivências da comunidade; e a quarta são as considerações finais.

DESENVOLVIMENTO

Neste artigo, os relatos expõem as experiências que as cuidadoras do CMEI apresentaram durante a pesquisa. As oportunidades estabelecidas na execução das etapas metodológicas da pesquisa-ação são denominadas “momentos”. Para uma maior elucidação da sequência cronológica, esses “momentos” foram organizados na linha do tempo da figura 03.

Figura 03 - Linha do tempo destacando a sequência de momentos vividos na pesquisa-ação.

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



³A partir desta subseção, os textos são em primeira pessoa, pois tratam de experiências pessoais. O objetivo é aproximar o máximo possível o leitor das vivências obtidas nesta pesquisa-ação.

Momento 1: Primeiro contato 08/05/2025³

O primeiro contato com a comunidade e com a pesquisa-ação deu-se em 08 de maio, fomos à reunião com as gestoras do CMEI e os pais do conselho escolar. Foi uma conversa rápida. Nos apresentamos como estudantes e eles compartilharam sobre si, seus filhos, moradia e vivências no Conjunto e em seu entorno. A maioria vive nos conjuntos próximos desde antes da construção das casas. Cresceram ali e agora criam os filhos lá. Eles relataram como a paisagem mudou com o tempo, os problemas de violência do passado e a falta de estrutura, agora supridas com a disponibilidade de linhas de ônibus (ainda escassas), comércio local e equipamentos implantados.

Neste encontro, nos sentamos em roda na área externa do CMEI e, não propositalmente, nos dividimos entre pesquisadores e gestores de um lado, e pais do outro (Figura 04). A intenção foi deixá-los à vontade para uma conversa informal. Colocamos em prática a escuta ativa e o desprendimento de nossas ambições como pesquisadoras. Pudemos observar a interação dos pais com as gestoras do CMEI e conosco. Mesmo tentando tornar nossa presença menos intimidante, os pais pareciam incomodados em falar de si, o que é compreensível, visto que não nos conhecíamos e que, de maneira geral, a Universidade é vista como um espaço elitizado por parte da população periférica.

Figura 04 - Primeiro contato com os representantes do conselho escolar. Disposição em círculo, gestora, professora e alunos sentados na calçada e os pais nas cadeiras.

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



Momento 2: Segunda visita ao CMEI 15/05/2025

Na semana seguinte chegamos ao CMEI, no período da tarde, para realizar os percursos escola-casa, conforme acordado. Iríamos acompanhá-los de volta às suas casas após deixarem seus filhos na aula, a fim de não atrapalhar suas rotinas e otimizar o tempo disponível. Para nossa decepção, os pais não compareceram. Tentamos entender o ocorrido e a diretora explicou que era preciso confirmar com eles mais de uma vez, e que a falta de contato durante a semana fez com que eles duvidassem do compromisso. Assim, aprendemos duas valiosas lições em campo: a primeira é que, naquela comunidade, iríamos ter que utilizar as estratégias e conhecimento da própria escola para alcançá-los; e a segunda é que precisávamos que eles conhecessem a nossa pesquisa, para que confiassem em nos levar até suas casas.

Apesar do contratempo, fortalecemos o vínculo com a gestão, conhecemos experiências com as famílias e assistimos à abertura do projeto de leitura, observando a dinâmica escolar. Aproveitamos aquele dia para informar a direção da nossa pretensão de realizar um encontro que inti-

tulamos de “roda de conversa” e pedimos a colaboração na divulgação da atividade.

Momento 3: Roda de conversa - café com as mães do CMEI 29/05/2025

A atividade teve como objetivo aproximar-nos dos cuidadores dos alunos, etapa essencial da pesquisa-ação para promover o reconhecimento mútuo entre pesquisadores e participantes.

Após as primeiras conversas com funcionários e famílias integrantes do Conselho Escolar, convidamos-os para uma reunião, em que apresentamos nosso trabalho. Enviamos o convite (figuras 05 e 06) à diretora para divulgação nas redes sociais e pelos funcionários no momento da chegada e saída das crianças, prática comum no CMEI. Acreditamos que a divulgação foi eficaz, resultando em boa adesão.

Figura 05 - Convite digital enviado por rede social ao grupo dos pais.
Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



Figura 06 - Convite impresso, fixado na porta da escola.

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



No dia 29 de maio, a roda de conversa teve início às 13h20, com uma hora de duração. Compareceram 17 participantes, todas mulheres, entre mães e cuidadoras. Quando chegamos, a maioria já estava nos esperando, pois haviam ido deixar suas crianças na aula. Ao iniciarmos, nos apresentamos e explicamos que o nosso propósito ali seria ouvi-las e aprender sobre a comunidade a partir da vivência delas no trajeto casa-escola. As participantes foram receptivas à conversa e ao tema proposto. Tivemos uma conversa produtiva e fizemos um lanche no final.

No decorrer da escuta, recorremos às perguntas norteadoras com o intuito de favorecer a fluidez do diálogo e aprofundar as reflexões das participantes, especialmente nos momentos em que suas falas apresentavam interrupções ou hesitações. A seguir, destacamos quatro dessas questões, que serviram como incentivadoras de memória e experiência sobre o trajeto entre casa e escola (Figura 07):

- Como é o caminho que você e seu filho fazem até a escola?
- Você já teve alguma experiência ruim no caminho da escola?
- Você já teve alguma experiência muito legal no caminho de casa até a escola?
- Tem algo especial para o(s) seu(s) filho(s) no caminho de casa até a escola?

Figura 07 - Mesa do lanche organizada para a roda de conversa, com destaque para os cartazes com as perguntas norteadoras utilizadas.

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



Diante das perguntas apresentadas, as pessoas presentes deram seus depoimentos, dentre elas a atual coordenadora Argélia Salgado, que trabalha no CMEI há 21 anos, atuando no decorrer dos anos como diretora, gestora e/ou professora. Nesse período acompanhou a evolução do Conjunto Denisson Menezes, que no início era ocupado por disputas e conflitos acompanhados de tiros e invasão à escola, onde ela e as professoras tinham a missão de proteger as crianças e o ambiente escolar. Ela relatou um episódio em que houve a invasão de um homem dentro da escola e a captura dele pela polícia. Atualmente a principal queixa dela e da maioria dos colaboradores é o transporte público, que é extremamente precário, o ônibus demora a passar e não segue os horários informados pela empresa rodoviária.

Conforme a conversa avançou, as cuidadoras começaram a dar seus relatos de forma coletiva, uma complementando a fala da outra. A essa altura estávamos espalhadas pela roda, tentando escutar e compreender os relatos simultâneos que afloraram em subgrupos (Figura 08).

Figura 08 - Momento da fala de umas das mães do conselho escolar.
 Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



Nesse primeiro contato mais profundo, foi possível perceber que existem mais queixas que elogios delas em relação ao bairro. Dentre as queixas relatadas, a principal é a falta de pavimentação das ruas, que dificulta levar as crianças para a escola, fazendo com que muitas delas faltem à aula durante o período de chuvas, devido aos alagamentos próximos às suas casas e no caminho. Algumas mães relataram que quando há muita chuva, os alagamentos as obrigam a utilizar caminhos alternativos para deixar seus filhos na escola, o que aumenta a distância percorrida.

O problema se agrava, pois em boa parte das ruas do Denisson e das adjacências, não existem calçadas adequadas ao deslocamento de pedestres, e quando existem são irregulares, obrigando as moradoras a andarem pelas ruas, disputando espaço com veículos e animais de grande porte.

A sensação de insegurança foi tema de muitas falas. Elas relataram que não se sentem seguras, pois nas ruas não há nenhum policiamento e durante os seus percursos, mesmo havendo considerável movimenta-

ção de pessoas, não há comércios ou locais de suporte que as façam se sentir protegidas em caso de violência. Quando indagadas a respeito do que poderia ser feito para diminuir a sensação de insegurança, todas mencionaram uma maior frequência de policiamento na área, pois “os bandidos só respeitam a polícia”. De acordo com elas, à noite a situação é pior, pois a iluminação pública é ineficiente nas ruas locais. A opinião delas é que “é um pouco melhor nas ruas principais [as que possuem pavimentação], porque a luz dos postes é branca” e quando a luz é amarelada, fica difícil identificar perigos como animais peçonhentos e buracos nas vias e nas calçadas.

Ainda sobre a segurança, as cuidadoras relataram que, enquanto se sentem inseguras nas ruas de barro por conta da lama e da pouca movimentação de pessoas, nas ruas asfaltadas a sensação de insegurança permanece devido à maior circulação de veículos, visto que nestas, não há nenhum tipo de sinalização de trânsito, o que faz com que os carros passem em alta velocidade. Uma das mães, moradora do Gama Lins, relata que sua filha quase foi atropelada em frente a sua casa por uma moto ao correr para a rua, o que gerou um grande trauma para ambas.

Quando perguntadas sobre como suas crianças aproveitavam os espaços do conjunto (rua, praças, parque, etc.), afirmam que não há muitos locais para as crianças brincarem. As praças existentes foram vandalizadas pelos próprios usuários e, por causa da falta de infraestrutura, elas não têm o hábito de sair com suas crianças para brincar nos arredores. Outra informação relatada é que a maioria das participantes não possui o costume de ficar na porta de casa, por causa da insegurança que sentem e, portanto, não deixam que suas crianças brinquem sozinhas na rua, ficando limitadas a atividades dentro de casa e ao uso de telas.

Além das queixas expostas, observamos que na maior parte da área estudada falta saneamento básico e há bastante acúmulo de lixo e entulho. Ao falarmos sobre os sonhos delas para a comunidade local, foram enfáticas: pavimentação e segurança. Assim, percebemos que não há espaço em suas falas para sonhar com algo para além dessas necessidades básicas.

Encerramos a roda com o lanche e com o convite (agora feito de forma direta para o público-alvo) de realizarmos juntas o percurso escola-casa, para conhecer de perto as situações apontadas por elas naquele dia. Nossa impressão foi de que havíamos atingido o objetivo inicial daquela

reunião: conhecer alguns rostos e histórias da comunidade e deixar que a comunidade nos conhecesse também.

Momento 4: percursos escola-casa com os moradores 12/06/2025

Os percursos foram realizados no turno da tarde, de forma simultânea com as famílias voluntárias. Cada pesquisadora acompanhou uma ou duas participantes, com o objetivo de otimizar o tempo, reduzir o risco de desistência e ampliar o número de percursos no mesmo dia. Como a principal abordagem foi a escuta ativa, a realização individualizada não comprometeu a qualidade da experiência.

Importante relatar que os percursos realizados neste dia só foram possíveis graças aos vínculos já estabelecidos com as mulheres da comunidade. O plano inicial de contar com a coordenação da escola para confirmar com oito famílias (quantidade solicitada previamente por nós) a possibilidade de acompanharmos o trajeto entre a escola e suas casas não aconteceu. Ainda assim, como já havíamos conversado diretamente com algumas dessas mulheres sobre nosso desejo de realizar a caminhada, conseguimos seguir com o encontro sem grandes dificuldades. No entanto, a ausência de uma ponte mais sólida entre a escola, a comunidade e nós, enquanto pesquisadoras, tornou o processo mais desafiador do que precisaria ter sido.

A seguir, os relatos de cada percurso realizado.

Relato 01 - pesquisadora Fernanda

Acompanhei a voluntária 1⁴ e a voluntária 2, mães de crianças matriculadas tanto no CMEI quanto na escola estadual. As duas moram na mesma rua. Caminhamos juntas até suas casas. A voluntária 2 comentou que costuma fazer percursos diferentes no dia a dia, pois não se sente segura de passar sempre pelos mesmos lugares. Quando está com a voluntária 1, faz o mesmo caminho dela.

Durante o trajeto, as duas falaram bastante sobre o calor e a ausência de sombras. Perguntei se antes havia mais árvores e ambas responderam que sim, mas que as poucas que existiam foram cortadas sem explicação.

⁴Substituímos os nomes das participantes por “voluntária 1”, “voluntária 2” e assim por diante, para preservar suas identidades.

Passamos pela padaria do bairro, o único comércio que a voluntária 1 utiliza. Ela contou que os demais estabelecimentos cobram caro e não oferecem variedade, então prefere sair do bairro para fazer compras. No meio da caminhada, mostrou com orgulho que mora perto de vários familiares, como tios, irmãos e primos.

Quase todo o trajeto foi feito pela rua, já que as calçadas são irregulares e dificultam a mobilidade. Ao sairmos do Conjunto Denisson Menezes e entrarmos no bairro Gama Lins, algo que só se percebe pela mudança no traçado dos lotes, o movimento e a velocidade dos carros e motos se intensificaram, mesmo com a presença de placas indicando limite de 20 km/h e alguns quebra-molas. Foi ali que a voluntária 1 mostrou o ponto onde a filha quase foi atropelada. Desde então, a menina tem medo de sair da calçada de casa.

No caminho de volta à escola, refleti sobre tudo o que vivenciamos naquela caminhada. Pensei sobre como um projeto urbano fundamentado em soluções baseadas na natureza poderia tornar aquele trajeto mais agradável. Quando perguntei às voluntárias o que imaginavam de diferente para aquele lugar, as respostas se concentraram em questões básicas – e urgentes – como saneamento, calçamento e segurança. Elas não conseguiram visualizar outras possibilidades. E talvez seja esse o nosso maior desafio na construção de uma comunidade de aprendizagem: abrir frestas para que o campo das ideias floresça, mesmo em meio às ausências.

Relato 2 - pesquisadora Mariana

O percurso foi realizado com a voluntária 3, membro do Conselho Escolar. Naquele dia estava voltando para casa com seu filho, após a escola solicitar que ele não ficasse na aula por estar febril. Ela voltou a pé, empurrando sua bicicleta com seu filho no bagageiro, para possibilitar que eu caminhasse ao seu lado, demonstrando boa vontade e empatia com o meu pedido de acompanhá-la, mesmo que o sol estivesse muito quente e seu filho não estivesse bem de saúde.

No caminho, diante de seu silêncio (que julguei ser timidez), me vi obrigada, mais de uma vez, a realizar perguntas que a motivassem a expressar suas vivências naquele percurso. Assim, pude saber que mesmo morando perto (na rua atrás do terminal) ela optava por ir todos os dias de bicicleta, pois, de acordo com ela, é mais rápido - possibilitando reali-

zar mais tarefas domésticas antes de levar o filho na creche - e porque a criança não suja os pés de lama ou de poeira.

Quando falamos a respeito do calor, ela relatou que antes havia muitas árvores nas ruas, mas a prefeitura “teve que arrancar”, por serem velhas e a manutenção ser difícil. “Foi melhor arrancar pela segurança das crianças. Elas subiam sempre. Eu subia quando era criança. Inclusive, quando chove, é mais fácil cair”, afirmou a voluntária 3.

Perguntei sobre o terminal de ônibus por onde passamos. Ela mencionou que há muita lama e buracos. “Às vezes parece que o ônibus vai virar quando passa num buraco desses, de tão inclinado que fica. Dá medo”. Ela disse que são dois ônibus no conjunto e que ali fica bem escuro à noite.

Ao ser questionada se o filho brincava na rua, respondeu prontamente: “Deus me livre”, mencionando os perigos do ambiente. Disse que, ocasionalmente, permite que ele brinque de bicicleta ou com carrinhos na porta de casa sob sua supervisão. Ela relatou que deixaria o filho brincar em espaços públicos caso houvesse uma praça em boas condições, mas evitava a praça próxima ao CMEI devido aos brinquedos danificados.

O percurso foi realizado em cerca de 5 minutos. Chegamos à sua moradia, uma casa simples, sem calçada. Nos despedimos e eu desejei melhoras ao pequeno. Ela não me falou de nenhum sonho para aquele lugar, contou que cresceu ali perto e agora mora em uma casa alugada porque formou família e se mudou, mas sua mãe ainda mora na mesma casa da infância. Pude perceber um laço com o local, contudo, também percebi desesperança e resignação com tudo que existe e acontece nos espaços onde seu filho cresce.

Relato 3 - pesquisadora Cathiane

A voluntária 4 é mãe de um menino autista de quatro anos e integrante do Conselho Escolar do CMEI. Ela esteve presente na reunião que tivemos no primeiro contato e na roda de conversa. Durante o percurso, expliquei a ela a importância de registrar vivências locais para o fortalecimento do senso de comunidade. Pedi para que ficasse à vontade para falar sobre experiências e sensações boas e ruins obtidas no caminho que faz até a escola.

Apesar de incentivá-la a relatar uma lembrança boa, ela só falou sobre as dificuldades encontradas no trajeto para a escola e em morar ali. Alguns pontos mencionados por ela convergem com as queixas da maioria dos cuidadores com quem conversamos: a falta de infraestrutura urbana (pavimentação, drenagem, saneamento básico, excesso de lama no inverno e de poeira no verão).

Na esquina da escola, havia um bueiro aberto, apontado por ela como um ponto de atenção extrema e risco para a segurança das crianças. Ela contou que está assim há bastante tempo. Após sairmos das ruas asfaltadas para a primeira rua de barro em seu caminho, ela relatou: “Aqui é que começa a ficar difícil”, referindo-se à lama e à gritante mudança na paisagem ao redor.

Percebi que onde não há asfalto, há uma movimentação de pessoas e veículos menores, o que aumenta a sensação de insegurança. Existem também pontos que deviam ser lidos como seguros, como, por exemplo, uma árvore de grande sombra ao lado da igreja local, mas debaixo dessa sombra havia somente uma aglomeração de homens bebendo, o que me trouxe desconforto na ida com a moradora e principalmente na volta, sozinha, visto não haver circulação de pessoas na rua.

Um pouco mais à frente, passamos por uma outra rua asfaltada, ponto que a moradora aponta como o mais inseguro do seu trajeto, onde há bastante movimentação de carros, ônibus e motos, que não param para pedestres passarem. A voluntária 4 apontou como possíveis soluções faixas de pedestre e placas de sinalização, para facilitar a travessia dos usuários.

Durante nossa breve conversa, percebi na fala dessa mãe a esperança de dar um futuro melhor ao seu filho. Ao voltar para o CMEI, fiz o mesmo exercício que propus a ela: imaginar melhorias positivas que poderiam existir no trajeto escola-casa dessa comunidade. Constatei como é difícil imaginar soluções comunitárias, quando, individualmente, falta o básico para a sobrevivência dessas pessoas.

Refleti sobre as mudanças de ambiente, de asfalto para barro, de ruas movimentadas a ruas vazias, o que me fez perceber o porquê de as cuidadoras estarem sempre tão atentas em proteger a si mesmas e os seus filhos das adversidades oferecidas no caminho, e o porquê de muitas vezes não se relacionarem bem com aqueles espaços urbanos.

Relato 4 - pesquisadoras Cathiane, Fernanda e Mariana

Após nossos primeiros percursos, coincidentemente, chegamos ao mesmo tempo no CMEI. Encontramos na escola duas mães (voluntária 5 e voluntária 6) que haviam acabado de deixar suas filhas na sala de aula. Elas são irmãs e vizinhas. Quando pedimos para acompanhá-las até em casa, elas hesitaram, mas concordaram. Foi quando Cathiane teve o feeling de explicar rapidamente o motivo do nosso pedido e um pouco do trabalho que estávamos desenvolvendo, o que as fez ficar mais à vontade conosco. Até aquele momento, elas não nos conheciam.

O percurso foi curto, mas elas mencionaram pontos importantes, como segurança, mobilidade e limpeza. Compartilharam conosco algumas de suas vivências, como moradoras da antiga ocupação de lona que existiu antes dos conjuntos serem construídos.

As cuidadoras relataram que o lixo descartado nas calçadas compromete a mobilidade, obrigando-as a caminhar pela rua entre os carros. Embora o recolhimento seja regular, os moradores voltam a depositar resíduos logo após a limpeza, gerando mau cheiro, pragas e dificultando a circulação. Também mencionaram a poluição do ar causada por queimadas nos assentamentos próximos ao conjunto.

Quando questionadas sobre os locais de brincadeira dos filhos, as cuidadoras afirmaram que não os deixam brincar na rua ou nas praças por medo de assaltos, pois ambas já foram vítimas, inclusive no trajeto até o CMEI. Relataram que as crianças brincam apenas dentro de casa ou nas casas de vizinhos, contrastando com suas próprias infâncias, vividas com mais liberdade no espaço público.

Descobrimos também que a fábrica que levantou seu muro no local das cercas aramadas existentes no passado (responsáveis pela origem do nome da “Rua do Arame”), tentou preservar as características de apropriação dos espaços estabelecidas pelos moradores, como estender roupa nas cercas e ficar sentados na rua embaixo das árvores. Como as cercas para estender roupa foram substituídas pelo muro alto de alvenaria, o “dono da fábrica” fixou varais no próprio muro, para que as roupas pudessem continuar sendo estendidas. As árvores originais, que, mesmo sob protestos da população, foram arrancadas, deram lugar ao passeio e canteiros com mudas planejadas (Figura 09). As mães não relataram tais mudanças com satisfação, afirmando que o espaço ficou

mais organizado e que o dono se esforçou para preservar as atividades ali existentes.

Figura 09 - Rua do Arame, com muro da fábrica à esquerda.

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



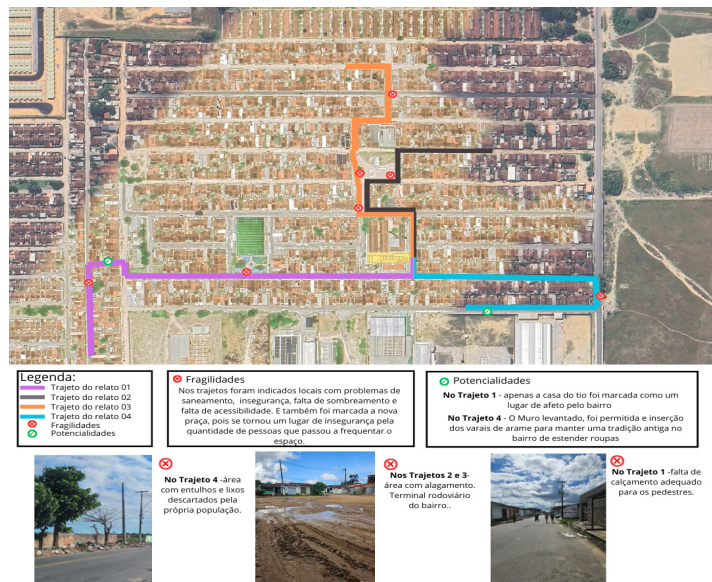
Ao nos despedirmos em frente à casa da voluntária 6 (próximo à casa da voluntária 5), onde funciona uma pequena mercearia, incentivamos que procurassem a escola com sugestões de melhorias. No entanto, até então não houve manifestações de interesse em envolvimento futuro.

Mapeamento Participativo

O mapa apresentado (Figura 10) é uma forma de espacializar as vivências subjetivas e a visão coletiva da comunidade do Denisson Menezes e adjacências. As informações contidas nele são oriundas da escuta ativa realizada nos momentos de pesquisa-ação descritos anteriormente. Ele traduz as características e elementos de maior significado para essa população, de acordo com Araújo, Anjos e Rocha-Filho (2017).

Figura 10 - Mapa dos percursos

Fonte: Oliveira, Teixeira e Delfino (2025).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência nos levou a refletir sobre as estratégias e abordagens utilizadas em práticas acadêmicas junto às comunidades. Será que, de fato, temos escutado com sensibilidade as formas plurais de viver e resistir que se manifestam nestes territórios? Será que nossas ações têm provocado transformações ou apenas reproduzido lógicas distantes da realidade local?

Essas dúvidas nos marcaram, assim como a impressão de desânimo e desesperança por parte das famílias participantes da pesquisa. Percebemos, ao longo do processo de escuta e análise coletiva, que muitos dos desafios enfrentados por essa comunidade estão profundamente enraizados em condições estruturais de vulnerabilidade. Questões como insegurança alimentar e dificuldade de se manter financeiramente impactam diretamente na forma como os sujeitos percebem e interagem com o território onde vivem. Tais aspectos não apenas moldam sua visão de mundo, mas também limitam suas possibilidades de ação e reivindicação de direitos.

Reconhecemos, contudo, as limitações impostas pelo tempo reduzido de convivência, que não nos permitiu acessar com profundidade as múltiplas camadas que constituem as trajetórias dessas famílias. Ainda assim, a experiência vivida neste processo de pesquisa-ação foi marcada por aprendizados significativos, especialmente no que se refere ao papel ético e político do pesquisador diante das realidades em que se insere.

É importante reafirmar que esta foi a primeira experiência das pesquisadoras com a metodologia da pesquisa-ação, o que representou um desafio significativo, mas também uma oportunidade valiosa de aprendizagem prática. O percurso trilhado, com todas as suas complexidades, reforça a necessidade de uma atuação mais sensível, ética e comprometida por parte da academia nas relações com os territórios e sujeitos com os quais dialoga.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. E.; ANJOS, R. S.; ROCHA-FILHO, G. B. Mapeamento participativo: conceitos, métodos e aplicações. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 128–140, dez. 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 2. ed. Tradução de Maria João Sara dos Santos e Telmo Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

OSÓRIO, L. C. **Escuta sensível: clínica do acolhimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, C. V. de L. Ficha de caracterização do Conjunto Dênisson Menezes. In: CAVALCANTI, Débora de Barros (org.). **Territórios da pobreza de Maceió: relatório final e texto-síntese**. Maceió: MCTIC/CNPq, n. 28/2018, 2023.

TORRES, R. M. Comunidades de aprendizaje: repensando lo educativo desde el desarrollo local y desde el aprendizaje. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE COMUNIDADES DE APRENDIZAJE 2001, Barcelona. **Anais [...]**. Barcelona: Forum Barcelona, 2004.